

# AMARÍLIS

Eva Furnari

© Eva Furnari



## Resenha

Como Tiago, seu irmão, não podia enxergar, a menina Luisa foi logo aprendendo a se colocar como intermediária entre o irmão e os livros. Era um jogo que os dois gostavam de jogar: Tiago abria um livro ao acaso, e Luisa então lia o texto ou traduzia as imagens. Se na página em questão houvesse textos e palavras, ela lia; quando as páginas mostravam fotos ou ilustrações, ela buscava modos de traduzir as cores e formas em imagens e narrativas que, de alguma forma, evocassem o seu sentido.

A história começa quando as duas crianças começam a folhear um livro trazido por seu pai de terras longínquas. Esse livro com cheiro de novo era repleto de fotografias de flores, que revelavam cores variadas, texturas aveludadas e estames carregados de pólen. Abaixo da página que Tiago tinha escolhido ao acaso, lia-se: Amarílis, nome de flor. Para traduzir a imagem das flores que via em alguma coisa capaz de capturar a atenção



Coordenação:  
Maria José Nóbrega



do irmão, Luisa transforma botões de flores em irmãs gêmeas. Na história inventada pela garota, as duas meninas-flores órfãs de mãe teriam sido enfeitiçadas por uma governanta repleta de espinhos, a cruel Malvônia, e condenadas a deixar de falar e jamais conseguirem olhar uma para a outra. O pai das duas, o senhor Floresbong, é ingênuo o suficiente para não se dar conta da má-fé da governanta, de modo que o feitiço só se desfaz com a intervenção de Frisgo, o bisavô feiticeiro das meninas.

Ao final do livro, Eva Furnari comenta que *Amarilis* é uma obra diferente de outros de seus títulos, porque seus protagonistas “parecem existir na vida real, enquanto os personagens das minhas outras histórias dão a impressão de vir de um mundo inventado”. Ao falar em “vida real”, a autora se refere ao fato de que, muito embora essa também se trate de uma narrativa de ficção, o universo em que vivem os personagens principais é verossímil, similar ao nosso. Trata-se de algo incomum, já que essa autora criativa nunca escondeu sua predileção por inventar bruxas,

seres mágicos e encantados, e seu costume de construir universos menos previsíveis do que o nosso. Esse mundo verossímil, porém, não aparece retratado nas ilustrações, já que Eva prefere “deixar que cada leitor imaginasse como seriam Tiago, Luisa e o pai”. As ilustrações retratam as pessoas-flores da história criada pela menina a partir das páginas de livros tateadas por seu irmão cego. O tema da acessibilidade aparece nas laterais do texto, abordado com a leveza imaginativa característica da obra da autora.

## Depoimento

De Maria Fernanda Silva Pinto,  
professora e mãe

- Par!
- Ímpar!
- Perdi.

Desde que minha filha passou a ler com mais fluência, decidimos variar quem leria cada livro novo. Mas só os novos! Porque na hora de dormir,

ela gosta mesmo é das histórias já conhecidas. Segundo ela, é para o sono vir tranquilo – num caminho palmilhado pela minha voz e com palavras já experimentadas no coração.

Mas dessa vez eu perdi. E, assim, comecei a apresentar-lhe Tiago e Luisa e, depois, as Amarílis.

– Deixa eu ver o Tiago e a Luisa.

– Não tem.

– Não tem? É livro de adulto, é?

– Tem as Amarílis – e lhe mostrei os traços tão familiares de Eva Furnari.

– As Amarílis pessoas são mais bonitas. Parecem mesmo com o jeito que a Luisa contou. Quer dizer, inventou, né, porque o livro mesmo era sobre flores.

Assenti com a cabeça e avancei pouco até ser novamente interrompida:

– Mas espera. É uma história dentro da outra? Não sabia que podia usar uma história para contar outra história...

– Pode, uai – e tentei falar algo com cara de sabedoria, mas fui interrompida de novo:

– É tipo a boneca russa da vovó!

Aparentemente, ela estava obcecada pela descoberta literária que havia feito. Gostei da metáfora e decidi seguir a leitura. Porém, ela estava impossível:

– Eu acho que a Luisa é a irmã mais velha e que o Tiago não sabe ler. E os dois estão com saudade do pai. Será que a mãe deles também morreu?

– *Puf!* – Acabei entrando na piada, apesar de não gostar nadinha de imaginar uma mãe que morre. Ela também não gostou muito e me deu um tapinha de mentira na perna. E continuou:

– Eu entendo isso de ele querer chorar às vezes.

– Eu também, filha. Às vezes, eu ponho uma música bonita para poder chorar. Acho que o Tiago faz isso com as histórias da irmã, que ele ajuda a inventar. – E, depois de uma pausa, continuei: – Acho que ele chora pelas coisas que ele não pode mudar.

Minha voz tremeu como gelatina, mas logo ganhei um abraço e um arremate:

– Pois eu queria fazer um feitiço para acabar com doença de avô, discussão boba de adulto e briga de escola!



Arrumando a voz meio embargada, sugeri a ela que escrevesse essa história de feitiços e desejos.

Foram tantas as idas e vindas entre as três histórias, agora intrincadas – a de Tiago e Luisa, a das Amarilis e também a nossa –, que não sobrou muita atenção para os espinhos de Malvônia, para o inusitado carro movido a lesmas lentas do avô ou para os vestidos farfalhantes e trêmulos como gelatina. Me peguei pensando que, tratando-se de Eva Furnari, essas imagens malucas são as gosturas mais habituais.

Assim como a boneca russa, que é sempre a mesma boneca, uma dentro da outra, a história das Amarilis refletia os dilemas vividos por esse par de irmãos, que não são gêmeos, mas que trazem uma profunda conexão por uma ser os olhos do outro. É, sim, uma história sobre cuidado, sobre arranjos familiares, sobre afeto e sobre o crescer. É também sobre inventar mundos possíveis, tanto nos livros quanto no enredo da vida vivida, para poder passar por desafios e sentimentos difíceis, que insistem em fazer parte da nossa história.

## Um pouco sobre a autora

**Eva Furnari** nasceu em Roma, Itália, em 1948, e veio para o Brasil aos dois anos de idade, onde reside até hoje. Formou-se em Arquitetura pela Universidade de São Paulo e foi professora de Artes no Museu Lasar Segall. Na década de 1980, colaborou como desenhista em diversas revistas. Publicou semanalmente, por quatro anos, histórias da Bruxinha no suplemento infantil do jornal *Folha de S.Paulo*. Começou sua carreira de escritora e ilustradora de livros infantis e juvenis em 1980 e hoje tem mais de 60 livros publicados. Possui livros

adaptados para o teatro e publicados no México, Equador, Guatemala, Bolívia e Itália. Ao longo de sua carreira, Eva Furnari foi agraciada com inúmeros prêmios. Entre eles, recebeu diversas vezes o Prêmio Jabuti, da CBL, e o prêmio da FNLIJ. Também recebeu o Prêmio APCA pelo conjunto da obra.

 [Leia Mais...](#)

## Da mesma autora e série

- ✖ *A bruxa Zelda e os 80 docinhos*. São Paulo: Moderna.
- ✖ *Daufonsinho*. São Paulo: Moderna.
- ✖ *Felpo Filva*. São Paulo: Moderna.
- ✖ *Lolo Barnabé*. São Paulo: Moderna.
- ✖ *O feitiço do sapo*. São Paulo: Moderna.
- ✖ *Pandolfo Bereba*. São Paulo: Moderna.
- ✖ *Rumboldo*. São Paulo: Moderna.
- ✖ *Tantãs*. São Paulo: Moderna.
- ✖ *Tartufo*. São Paulo: Moderna.
- ✖ *Umbigo indiscreto*. São Paulo: Moderna.

## Do mesmo gênero ou assunto

- ✖ *Somos iguais mesmo sendo diferentes!*, de Marcos Ribeiro. São Paulo: Moderna.
- ✖ *Daniel no mundo do silêncio*, de Walcyr Carrasco. São Paulo: Moderna.
- ✖ *Alguém muito especial*, de Miriam Portela. São Paulo: Moderna.
- ✖ *Por que Heloísa?*, de Cristiana Soares. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✖ *Tom*, de André Neves. Porto Alegre: Projeto Editora.

